

JORGE BASTOS

René Char
O ROSTO NUPCIAL

Conduta

Passa.
A enxada sideral
antes ali se plantara.
Essa noite um vilarejo de pássaros
no alto exulta e passa:

Escuta de têmporas rochosas
das presenças dispersas
a palavra que fará teu sono
quente como uma árvore de setembro.

Vê mexer o intrincamento
das certezas chegadiças
aqui perto em quintessência
ô meu Forcado, minha Sede ansiosa!

O rigor da vida namora
incessantemente o desejo do exílio.
Com uma fina chuva de amêndoa,
misturada de liberdade dócil,
tua guardiã alquimia produziu-se,
ô Bem-amada!

Gravidade

(O amuralhado)

Respirando ele pensa no entalho
Na terna cal confidente
Onde suas mãos da noite estendem teu corpo.

O louro o esgota,
A privação o consolida.

Ô tu, a monótona ausente,
A fiandeira de musgos,
Atrás das camadas fixas
Uma escada sem idade desfralda o teu véu!

Vais nua, constelada de farpas,
Secreta, morna e disponível,
Preso ao chão indolente,
Mas o íntimo do homem abrupto em sua prisão.

A te morder os dias crescem,
Mais áridos, mais indomáveis que as nuvens que se
 rasgam ao fundo dos ossos.

Eu pesei todo meu desejo
Sobre tua beleza matinal
Para que ela estoure e fuja.

Seguiram, o álcool sem reis magos,
O batimento do teu triângulo,
A mão-de-obra dos teus olhos
E o saibro de pé sobre a alta.

Um perfume de insolação
Protege o que vai rebentar.

O Rosto Nupcial

Agora suma, minha escolta, de pé na distância;
A doçura do número está terminada.
Vão embora, meus aliados, meus violentos, meus indícios.
Tudo os carrega, tristeza obsequiosa.
Amo.

A água é pesada a um dia da fonte.
A parcela vermelha atravessa seus lentos ramos em tua testa,
[dimensão assegurada.

E eu semelhante a ti,
Com a palha em flor à beira do céu gritando teu nome,
Derrubo os vestígios,
Tomado, são de clareza.

Cinta de vapor, multidão abrandada, divisores do medo, toquem
[minha renascença.

Paredes da minha duração, renuncio à assistência de minha largueza venial
Eu refloresto o expediente da morada, entravo a precocidade do além-vida.
Abrasado da solidão circense,
Evoco a nadadura na sombra de sua Presença.

O corpo deserto, hostil a sua mistura, ontem, voltava falando escuro.
Declínio, não mudes de idéia, tomba o porrete de transes, sono azedo.
O decote diminui as ossarias do teu exílio, de tua esgrima;
Tornas fresca a servidão que se devora as costas;
Deboche da noite, para essa carroça lúgubre
De vozes vidrentas, de partidas lapidadas.

Cedo tirado do fluxo das lesões inventivas
(O alvião da águia lança alto o sangue enfunilado)
Num destino presente eu trouxe minhas franquias
Para o azul multivalve, a granítica dissidência.

Ô arcada de efusão sobre a coroa de seu ventre,
Murmúrio de dote negro!
Ô movimento seco de sua dicção!
Natividade, guia dos insubmissos, que eles descubram sua própria base,
A amêndoa crível do amanhã novo.
A tarde fechou sua ferida de corsário onde viajavam os foguetes vagos
[entre o susto mantido dos cachorros,
Ao passado as micas do luto no teu rosto.

Vidraça inextinguível: meu sopro já a florava a amizade do teu ferimento,
Armava tua realza inaparente.
E dos lábios da neblina desceu nosso prazer aos portões de duna, de teto de aço.
A consciência aumentava o aparelho trêmulo de tua permanência;
A simplicidade fiel estendeu-se em tudo.

Timbre da divisa matinal, entre-safra da estrela precoce,
Eu corro ao fim do meu arco, coliseu fossário.
Chega de beijar a crina núbil dos cereais:
A cardadora, a teimosa, nossos confins a submetem.
Chega de maldizer o abrigo dos simulacros nupciais:
Eu toco o fundo de um retorno compacto.

Rios, neuma dos mortos anfractuosos,
Que seguís o céu árido,
Misturai vosso encaminhamento às tormentas de quem soube curar-se
[da desertão,

Indo contra vossos estudos salubres.
No seio do telheiro o pão sufoca de trazer coração e luar.
Pega, meu Pensamento, a flor da minha mão penetrável,
Sente acordar a obscura plantação.

Não verei teus lados, esses enxames de fome, se ressecarem, se encherem de mato.
Não verei o louvadeus te suceder na estufa;
Não verei o aproximar dos bufões inquietar o dia nascente;
Não verei a raça da nossa liberdade servilmente bastar-se.

Quimeras, nós subimos às bandejas.
O sílex tiritava sob os sarmentos do espaço;
A palavra, cansada de arrombar portas, bebia no cais angélico.
Nenhuma rude sobrevivência:
O horizonte das estradas até o afluxo de orvalho,
O íntimo desfecho do irreparável.

Aqui está a areia morta, aqui está o corpo salvo:
A Mulher respira, o Homem está de pé.

Evadné

O verão e nossa vida tinham um só corpo
O campo devorava a cor da tua saia cheirosa
Avidez e constrangimento se tinham reconciliado
O castelo de Maubec se afundava na argila
Logo desmoronaria a marola da sua lira
A violência das plantas nos fazia vacilar
Um corvo remador escuro desviando da esquadra
No mudo sílex do meio-dia escancarado
Acompanhava nosso acordo de meigos movimentos
A foice devia em cada lugar se repousar
Nossa rareza começava um reino
(O vento insonioso que nos enruga a pálpebra
Virando cada noite a página consentida
Quer que cada parte de ti que eu guarde
Seja estendida a um país de idade faminta e de lacrimal gigante)

Era o início de adoráveis anos
A terra nos amava um pouco eu me lembro.

Post-Scriptum

Afastai-vos de mim quem pacienta sem boca;
A vossos pés nasci, mas me perdestes;
Meus brilhos definiram demais o seu reinado;
Meu tesouro escorreu no vosso cepo.

O deserto como asilo ao único tição suave
Jamais me nomeou, jamais me devolveu.

Afastai-vos de mim quem pacienta sem boca:
O trevo da paixão é de ferro em minha mão.

Na surpresa do ar onde se abrem minhas aléias,
O tempo desbastará pouco a pouco o meu rosto,
Como um cavalo sem-fim num arado amargo.